

## **O SURGIMENTO DA ESQUERDA**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Folha de S. Paulo*, 06.12.1978

O fato novo no bojo das eleições de 15 de novembro de 1978 é o definitivo surgimento de uma esquerda no Brasil com bases eleitorais sólidas. A derrota do Governo representado pela ARENA, a vitória do MDB por mais de cinco milhões de votos nas eleições majoritárias, o repúdio ao autoritarismo e ao arbítrio do regime militar são naturalmente os aspectos mais importantes destas eleições. Mas este não é um fato novo. Neste sentido 1978 foi uma confirmação de 1974. Já então o povo havia expresso sua indignação contra a tutela tecnoburocrática de caráter autoritário e contra o capitalismo selvagem baseado em um sistemático processo de concentração de renda, que se implantara no Brasil. Em 1978 o povo brasileiro confirmou seu repúdio. Apesar da Lei Falcão, impedindo o acesso da oposição ao rádio à televisão, apesar de todas as pressões governamentais, apesar das enormes somas de dinheiro gastas pelos candidatos governistas para evitar a derrota prevista, apesar da fraude eleitoral, o MDB obteve uma vitória expressiva, que só não se transformou na tomada do controle político do país porque as eleições indiretas para a presidência e os dispositivos eleitorais do pacote de abril de 1977 o impedem. Para o Senado o MDB obteve quase 5 milhões de votos e para a Câmara cerca de 1,5 milhões de votos a mais do que a Arena.

A partir destas eleições já não pode restar qualquer dúvida sobre a ilegitimidade do Governo. Trabalhadores urbanos, pequena e média burguesia, tecnoburocratas públicos e privados votaram em maioria contra o Governo. Este só contou com o apoio das velhas oligarquias agrário-mercantis, que ainda controlam, na base do coronelato, o voto dos trabalhadores rurais ou dos marginais urbanos. E certamente contou com as minorias autoritárias ou fascistas que sempre existem na burguesia e na tecnoburocracia. Isto significa que o Governo só obteve apoio nos setores decadentes, como é o caso da oligarquia agrário-mercantil ainda sobrevivente no Nordeste, ou dos setores politicamente mais retrógrados da sociedade brasileira. Ora, se a oligarquia ainda fosse dominante no Brasil este fato seria perfeitamente normal, mas como há muito deixou de

sê-lo, a ilegitimidade do Governo torna-se dramática. A sociedade civil brasileira, constituída pela burguesia detentora do capital industrial, pela tecnoburocracia e pelos trabalhadores, manifestou maciçamente seu desejo de restabelecer a democracia no país.

A vitória do MDB teve um caráter eminentemente popular, mas os candidatos eleitos, como era de se esperar, foram principalmente representantes da burguesia. Dada a hegemonia ideológica da burguesia, dados o controle que detém dos principais aparelhos ideológicos da sociedade, seria muito difícil imaginar uma vitória do MDB por margem tão ampla sem o apoio da burguesia. Em consequência, e como não poderia deixar de ser, a maioria dos políticos eleitos pelo MDB, desde os fisiológicos e os conservadores ou moderados até os liberais, serão típicos representantes da burguesia. E mesmo entre os autênticos, mas aí já de forma mais contraditória, teremos representantes da burguesia.

Os autênticos, entretanto, constituem a base da esquerda democrática no Brasil, e não há dúvida que, se houve um fato novo politicamente significativo nestas eleições, foi o crescimento do número de candidatos de esquerda, que têm o socialismo e a democracia como objetivos políticos fundamentais. Seu número deve ter dobrado, passando de cerca de 35 para 70 deputados federais. Este aumento ocorreu em muitos Estados do Sul, onde a vitória do MDB foi decisiva. Em São Paulo dois líderes operários foram eleitos para a Câmara dos Deputados- Os candidatos de esquerda provenientes da burguesia e da tecnoburocracia obtiveram votos junto aos trabalhadores e principalmente junto a estudantes e intelectuais das camadas médias. Para a esquerda ainda só foi possível alcançar os trabalhadores já mobilizados pelo movimento sindical ou por movimentos populares ligados à Igreja Católica, na periferia das grandes cidades. A maioria dos trabalhadores ainda não pode ser atingida, dado a inexistência de um aparelho político organizado nesse sentido, e principalmente devido à proibição do uso do rádio e da TV. A votação de Fernando Henrique Cardoso, deixou claro este fato. Sua votação superou as expectativas mais otimistas e constituiu-se em uma extraordinária vitória dos grupos que desejam constituir um partido socialista no Brasil. Não há dúvida, porém, que Fernando Henrique Cardoso obteve proporcionalmente menos votos entre os trabalhadores do que o candidato de centro, André Franco Montoro. Isto se explica devido ao prestígio obtido durante muitos anos de vida política, em que o líder democrata cristão consistentemente defendeu a democracia e melhores salários para os trabalhadores. Diante de um líder político desse tipo, o candidato de esquerda, até então

desconhecido pelos trabalhadores, partia em desvantagem evidente. Era-lhe mais fácil atingir as camadas média e os trabalhadores organizados. A massa trabalhadora votou principalmente no candidato mais conhecido do MDB.

A esquerda, em qualquer hipótese, obteve os votos mais conscientes destas eleições. Quem votou nos candidatos de esquerda tinha uma noção muito clara de que desejava a democracia, que exigia uma distribuição de renda mais igual, que postulava uma participação mais efetiva dos trabalhadores nas empresas e na vida política do país. E os votos que obteve, embora seja muito difícil contá-los, claramente aumentaram muito em relação às eleições anteriores, inclusive 1974.

Este fato era previsível. O Brasil caminha claramente no sentido de uma política ideológica, ou seja, em uma política baseada em idéias e programas políticos, ao invés de em homens e promessas vagas. Enquanto dominou no Brasil a política de oligarquia, até a revolução de 1930, as eleições destinavam-se apenas a fazer alternar no poder esta ou aquela personalidade política. Todas, entretanto, representavam a oligarquia agrário-mercantil. No período do populismo, a burguesia utilizou-se de líderes carismáticos e de promessas raramente cumpridas para obter para seus líderes o apoio dos trabalhadores. Estes assim como a própria esquerda, entretanto, não tinham um projeto político próprio. Só no final dos anos cinquenta, quando a aliança populista entrava em colapso, a esquerda começou a definir objetivos autônomos em relação à burguesia. Mas logo sobreveio a radicalização de esquerda e de direita, decorrente da crise política, e em seguida a violenta repressão da esquerda, a partir de 1964. Agora a esquerda ressurgiu, e 1978 será provavelmente um marco desse renascer da esquerda.

Nos anos vinte e trinta a esquerda se confundia no Brasil com o Partido Comunista. Era pouco significativa. A partir da redemocratização, em 1945, começa a surgir uma esquerda democrática no Partido Socialista e principalmente no PTB. Mas esta última estava ainda marcada pelas contradições do populismo. Agora, no seio do MDB, surge claramente uma esquerda democrática, que certamente dará outro conteúdo ao debate político brasileiro. Uma esquerda ainda sem o apoio da grande maioria, mas com penetração nas áreas organizadoras e politicamente atuantes da classe trabalhadora. Uma esquerda democrática porque apoiada no voto e descrente das soluções de cúpula. Uma esquerda intelectualizada, mas não alienada, que soube denunciar o regime autoritário e injusto vigente. Uma esquerda moderada, mas que já aprendeu a criticar o

populismo e não pretende obscurecer os interesses divergentes dos trabalhadores em relação à tecnoburocracia e à burguesia.

A primeira tarefa da esquerda será continuar a luta contra o regime autoritário. E para isto a esquerda provavelmente manter-se-à unida aos liberais e moderados do MDB. As tentativas de divisão do MDB, que o Governo ensaiará, dificilmente terão êxito.

Enquanto durar o regime autoritário deverá ser relativamente fácil para a esquerda manter-se unida e participante da frente ampla que é o MDB. Mas já agora colocá-se um problema de liderança para esta esquerda, que só será possível viabilizar se partir das bases em que a esquerda se apóia, dos trabalhadores sindicalizados, das estudantes, dos intelectuais, das organizações eclesíásticas de base. Com as eleições de 15 de novembro a esquerda ganhou força e identidade. O desafio que enfrentará agora é o de reforçar esta legitimidade nova através de uma prática política coesa, mas democrática corajosa, mas realista.(06/12)